

## A LITERATURA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CEIMs DE CRICIÚMA

### LITERATURE IN THE PEDAGOGICAL PRACTICE IN KINDERGARTENS OF CRICIÚMA

Adriana Fernandes Buz<sup>1</sup>

Richarles Souza de Carvalho<sup>2</sup>

**RESUMO:** O livro é um dos métodos com o qual a criança aprende a ler de maneira prazerosa e, por meio dele, entra em contato com a literatura. Neste artigo, que tem por objetivo constatar como a literatura é introduzida em sala de aula e como sua prática contribui para a formação de futuros leitores, estabelecem-se relações entre o mundo real e o imaginário em crianças de 5 e 6 anos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa em forma de entrevista semiestruturada com algumas docentes em dois CEIMs (Centros de Educação Infantil Municipal) localizados na cidade de Criciúma, com a finalidade de analisar-se como a literatura é trabalhada nas instituições de ensino em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Livro. Mediação. Criança.

**ABSTRACT:** The book is one of the methods that child learns to read the pleasurable way and, through it, starts the contact with literature. This article aims at showing how literature is introduced in kindergarten classes and how it works for training the future readers, reinforces convictions between the world and imagination of children of 5 and 6 years old. To this end, the research methodology was conducted with half-structured interviews with some teachers in two Kindergartens located in Criciúma city. The purpose of analysis was to demonstrate how literature is carried out in these educational institutions.

**KEYWORDS:** Literature. Book. Mediation. Child.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva promover uma reflexão sobre como ocorre a articulação da literatura literária com a leitura, voltada para crianças com idades de 5 e 6 anos na cidade de

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da UNESC. E-mail: [adrianafernandesbuz@gmail.com](mailto:adrianafernandesbuz@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientador licenciado em Letras Português/Inglês. Doutor em Ciências da Linguagem. Docente dos cursos de Letras e Pedagogia da UNESC. E-mail: [rsc@unesc.net](mailto:rsc@unesc.net)

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

Criciúma – SC. Pretende-se ainda apresentar aspectos da participação da literatura no desenvolvimento de um sujeito ativo, crítico e autônomo na sociedade.

O artigo também problematiza a evidente necessidade de se encontrar profissionais capazes de desenvolver e executar metodologias interessantes no trabalho com a literatura e que possam de fato contribuir para a formação de cidadãos críticos. Entra em cena o papel do professor que tem o hábito de ler com e para a criança. Somente dessa maneira ela começará a adquirir o gosto pela leitura de obras literárias, tornando o momento da leitura uma forma de prazer e não uma obrigação.

Com a apresentação da literatura por meio de sua prática no ambiente escolar, tanto professores quanto alunos saem ganhando no contato com a leitura. É uma oportunidade de construir e enriquecer suas próprias experiências de vida, uma vez que a literatura abre um leque de possibilidades e, se bem manuseada pelos professores, poderá proporcionar maiores aprendizados aos alunos. Em tempos em que as novas tecnologias estão massivamente presentes, lançar mão de outras práticas como teatro, teatro de sombra, marionetes, fantoches, dedoches, varal literário, avental de histórias, leituras dramatizadas, etc., são formas simples e eficazes de não tornar o trabalho com a literatura em sala de aula algo maçante e cansativo.

Assim sendo, o objetivo primordial deste artigo é problematizar o trabalho com a literatura em Centros de Educação Infantil Municipais (CEIMs), localizados na cidade de Criciúma – SC. Dessa forma, poderá se discutir de que forma a leitura faz parte do cotidiano de professores e alunos, e como essa prática é realizada de maneira que a criança nesta idade possa se familiarizar com obras literárias.

## 2 LITERATURA INFANTIL

Literatura origina-se do termo latino *littera*, que significa letra. Ela remete para um conjunto de habilidades tais como a leitura e a escrita. Há diversas definições e tipos de literatura; pode ser uma arte, uma profissão, um conjunto de produção. Literatura também pode ser a arte de criar e compor textos. Parreiras (2009) comenta que para uma obra ser tida como literária é necessário que haja a predominância da função metalinguística no texto e na

linguagem visual, ou seja, falar de si e sobre si paralelamente. Na literatura, as palavras e orações não são apenas usadas de acordo com as regras da modalidade culta da língua.

Há ainda diversos tipos de produção literária como a poesia, a prosa, a literatura de ficção, o romance, a literatura popular, a literatura de cordel e várias outras. A leitura de livros na escola tem importante influência na formação literária da criança, com todas as suas histórias, contos, poesias, sempre despertando curiosidades, sentimentos e interesses por personagens, lugares e situações que são guardados pela memória. Para Abramovich (1997, p. 16), escutar histórias “é o início da aprendizagem para ser um bom leitor e ser leitor é ter absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo.”

Os primórdios da literatura têm relação com a narrativa de contos. Nos primeiros meses de vida, a criança ouve sua mãe contar-lhe pequenos contos, com a finalidade de fazê-la adormecer. Tais “histórias de ninar”, com o passar do tempo, ficarão eternizadas em seu inconsciente e cada vez mais presentes em seu cotidiano; sendo assim, posteriormente, a própria criança passará a contar essas histórias do seu jeito, colocando nelas traços de sua personalidade, com suas particularidades.

Parreiras (2009, p. 15) afirma que “nos primeiros meses de vida a criança lê através da oralidade usando a sua imaginação, recriando em sua mente toda a significância contida nos dados informados por intermédio da verbalização”. As primeiras histórias que a mãe conta para a criança ouvir nos dois primeiros anos de vida são eternizados por meio da voz da mãe. Ela repetirá esse feito muitas vezes até que a criança se aproprie do enredo e possa recriá-lo sem maiores dificuldades; essa etapa é importante para o início da vida literária da criança.

As histórias contidas nos livros sem textos e que apresentam somente gravuras dão oportunidade para a criança dar vida à história, sendo guiada por sua própria interpretação: ela então “vê com os olhos do autor e do leitor e olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 33).

Nesse sentido, a criança torna-se autora de sua própria história, passa por momentos de encantamento, alegria e bem-estar, reforçando sua admiração pela leitura. As histórias construídas podem também colaborar na aquisição da escrita, além de contribuir

com várias funções no processo educativo da criança, ampliando potenciais que auxiliam no seu desenvolvimento.

É fato que os olhos de uma criança veem o mundo de uma maneira diferenciada; da mesma forma, sua interpretação de leitura também é diversa. Como consequência disso, a leitura causa um grande fascínio se bem incentivada e trabalhada.

A leitura de obras literárias pode provocar em seus leitores todas as formas imagináveis de sentimentos em sua mais perfeita plenitude como alegria, tristeza, raiva e tantas outras. Isso ocorre porque a dimensão artística da literatura é explorada. Na literatura, conforme relata Parreiras (2009, p. 48), “há coisas não ditas, nem esclarecidas; há algo aberto para o leitor entrar e dar forma.” Visto que há vários tipos de produção literária, o livro direcionado para o público infantil é no mínimo composto por textos, desenhos e projetos gráficos. Nesse processo, não se pode fechar os olhos para o ilustrador que tem relevante papel na produção dos livros com os quais o professor vai trabalhar.

Editores crescem com a expansão das diversas edições, temas e categorias literárias, devido à gigantesca produção. Por vezes, o leitor/consumidor é enganado por publicações que não são de fato literatura, mas sim simples livros de histórias para crianças que não podem ser chamados de literatura devido à ausência da dimensão artística.

É necessário ter-se um conhecimento do autor e da obra que está sendo apresentada às crianças. A preparação do leitor efetivo passa pela adoção de um comportamento; a leitura deixa de ser atividade ocasional para entrar na vida do sujeito. (PARREIRAS, 2009).

Para produzir prazer no sujeito, a leitura deve gerar conhecimento, agregar algo novo que chame a atenção desse apreciador. Assim, compete à escola ir além do alfabetizar e introduzir o hábito literário ao seu aluno e ser a qualificadora na formação de leitores. Como por exemplo, formação continuada, buscando novos autores literários. Por isso, é de fundamental importância a existência de professores qualificados no trabalho com a leitura literária, pois talvez ela seja imprescindível: é expressão da arte que emociona e pode levar à vivência de sensações. Parreira (2009, p. 22) declara que a literatura afeta permanentemente o leitor: ninguém é o mesmo depois de ler um poema, um conto ou um romance, por exemplo.

## 3 ENSINO DE LITERATURA

A literatura, para alguns povos latinos, possuía um sentido próprio que representava o conhecimento dos letrados. Não sendo vista como conhecimento, a literatura poderia ser contemplada como objeto de estudo. De acordo com Candido (2004, p.174), “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.”

Para realizar minimamente um bom trabalho, Parreiras (2009) afirma que o professor que pretende manejar a literatura deve saber discernir uma obra literária de um livro qualquer de história para criança. Pois se falando de obra literária, sabemos que uma das definições da literatura é a arte da escrita, desta forma, uma obra literária tem sua escrita voltada para o artístico, enquanto um livro de história não tem essa função artística, apenas conta apenas uma história. Logo, o docente deve saber como ensinar literatura para crianças da educação infantil e qual seria a literatura mais apropriada para a faixa etária. Ainda de acordo com Parreiras (2009, p. 39), “desde muito cedo, a criança gosta de manusear papéis. Primeiramente, amassa e toca. Posteriormente, recorta, cola e rabisca. É assim que começa a aproximação da criança com o livro.”

No que tange à leitura poética, trata-se de uma forma de ensinar literatura para a criança e que tem suas origens no folclore, na oralidade, nas cantigas de rodas e de ninar. Por essa razão, há muita influência da musicalidade e sonoridade na literatura produzida para a infância. Então, a poesia pode ser trabalhada pelo professor em forma de teatro com obras que são consideradas clássicas para crianças como a Arca de Noé do autor Nelson Cruz, explorando-se o figurino que caracteriza os bichos e a sonoridade da letra inicial do nome de cada um. Para Abramovich (1997, p. 67), “a literatura trabalha com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma casual de a gente se aproximar de alguém.”

Já os contos de fadas, que são descrições idealizadas como um sonho tendo uma linguagem consistente, apresentam personagens, objetos ou passagens de tempo que significam diversos fatos, como fome, beleza, encantamento e aparência. Sobre isso, Parreiras (2009, p. 77) explana que “com a leitura e a conversa com os alunos, vocês poderão discutir valores universais, como inveja, egoísmo, ciúmes. Logo vocês poderão trazer questões para a atualidade da escola, dos alunos, do bairro e da comunidade.”

É de extrema importância que o adulto, quer seja professor ou não, apresente esse conto para a criança com uma linguagem cativante, com expressões e características de cada personagem, sem propor barreiras para a leitura efetiva e deleite das crianças. Outra forma para trabalhar com contos de fadas é adquirir várias versões do mesmo conto e distribuí-los em grupos, de forma que cada um possa contar a versão à sua maneira.

É preciso que o professor ensine as crianças que nem sempre as fadas estão visíveis nos contos ou que a presença de uma bruxa ou de um animal pode ser representada de várias formas. Cada personagem pode incorporar vários sentimentos, por vezes servindo como um modelo de coragem ou de medo, a citar o leão de *O Mágico De Oz* de L.Frank Baun, que era covarde, ou o famoso lobo mau de *Chapeuzinho Vermelho*, de Monteiro Lobato, que representa a agressividade.

Reforça-se que a leitura pode favorecer uma melhor bagagem de conhecimento para os estudantes. No entanto, é na leitura literária que se encontra uma maior ampliação de suas perspectivas. Silva (2009, p. 131) faz a seguinte consideração: “o texto literário se apoia na palavra, que é traduzida e visualizada pela imaginação do leitor. E é na mente desse leitor que o signo verbal se torna concreto.”

Tomando por exemplo Monteiro Lobato (declarado padrinho da literatura infantil brasileira), suas obras deixam evidente as marcas do folclore brasileiro, mostrando o aparecimento de seres imaginários como a Cuca e o Saci-Pererê, com uma linguagem próxima da oralidade altamente coloquial. Segundo Silva (2009, p. 120) “a riqueza oral dos indígenas esteve presente na literatura para crianças, por meio dos personagens de lendas, de mitos, de fábulas.”

Poder ler atualmente histórias contadas e recontadas pelos índios é oportunizar à criança um conhecimento ímpar de experiências e saberes culturais. A formação concedida

aos professores prioriza o valor da palavra no texto escrito; na literatura focada para crianças, a ilustração apresenta toda uma magnitude, pois quando se é criança, as imagens vistas nos livros e a voz daquele que conta a história marcam de uma forma profunda e fazem transbordar sentimentos (SILVA, 2009).

Assim, as leituras que as crianças gostam de ouvir podem ser utilizadas em sala de aula como ferramentas pelos professores. Torna-se necessário, no que compete ao professor, criar modelos para recuperar o contentamento e prazer dos estudantes pela leitura, sabendo que há diversos meios de ler e de escrever e que esse contentamento não se pode comprar, mas sim se adquirir com o constante hábito. Afinal, “o professor é concomitantemente alguém que participa desse processo, alguém que estuda, lê e expõe sua leitura.” (MORTATTI 2001, p. 139).

#### **4 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS**

A pesquisa aqui apresentada foi realizada em dois Centros de Educação Infantil Municipais (CEIMs), na cidade de Criciúma – SC.

Utilizou-se como metodologia a entrevista semiestruturada, com a finalidade de compreender a forma com que a literatura vem sendo desenvolvida com crianças na faixa etária de 5 e 6 anos nos CEIMs pesquisados. O objetivo é analisar como a leitura literária “acontece” nessas instituições de ensino, ressaltando-se a importância da leitura para o desenvolvimento de um sujeito crítico e autônomo na sociedade. A pesquisa tem, portanto, o propósito de trazer uma reflexão sobre as práticas usadas pelas professoras entrevistadas na construção do conhecimento dos alunos.

Na entrevista semiestruturada há o sigilo da identidade de cada uma das professoras. As entrevistadas serão citadas como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8, permitindo que suas interpretações e relatos fiquem no anonimato, não sendo revelados seus nomes.

Feito o levantamento de suas formações e de seu tempo de atuação na área, foi dado início à gravação com as perguntas cujas respostas serão analisadas.

Todas as docentes entrevistadas têm graduação em Pedagogia; das oito, três possuem especialização em Psicopedagogia, duas em Educação Fundamental, uma em

Gestão e Prática Multidisciplinar e uma em Neuropsicopedagogia. Todas elas atuam entre 07 e 12 anos na área.

Foram gravadas as respostas dadas aos seguintes questionamentos:

1. Com que frequência você faz uso da literatura com seus alunos?
2. Quais recursos ou estratégias você utiliza para chamar a atenção para a leitura literária?
3. Quais autores literários você tem como referência para suas aulas?
4. Você enfrenta dificuldades no trabalho com a literatura? Se sim, quais são elas?
5. Para você, qual é a importância da literatura como prática pedagógica em sala de aula?

Questionadas sobre a frequência com que a literatura é utilizada com os alunos, as pesquisadas se manifestaram. P1, P2, P3, P4, P5 e P6 fazem uso da leitura em sala de aula três vezes por semana. P7 e P8 afirmaram que fazem uso apenas uma vez por semana.

As docentes utilizam os mais diversos recursos para despertar a atenção e curiosidade dos seus alunos (crianças) para um novo aprendizado, que comumente tem início a partir do uso de um livro e uma boa história. Materiais como dedoches, fantoches, televisão de caixa de papelão, avental com personagem, música com história literária clássica, teatro, livros com pequenos textos, imagem coloridas e bem definidas fazem parte deste fascinante processo que se inicia. Segundo as professoras o uso desses materiais citados tem se mostrado uma forma eficaz para iniciar a criança na vida literária fazendo com que se crie um fascínio sobre os futuros leitores para as boas obras literárias, quiçá formando futuros escritores.

Cosson (2006, p. 15) reforça que “a prática da literatura pela leitura ou pela escrita consiste em uma exploração das potencialidades da linguagem, da fala e da escrita”. Em relação à metodologia usada para a introdução de uma história, as professoras entrevistadas pensam da mesma forma: se usarem fantoches e outras atividades para chamar a atenção, todas as crianças terão maior compreensão. Os estudantes se envolvem pelos materiais utilizados para a construção da história a ser contada; é nessa hora que acontece a memorização, pois as repetições servem de apropriação do novo aprendizado.



Com relação aos autores literários que são referência nas aulas das professoras entrevistadas, P2 e P4 mencionam usarem o livro como o primeiro material a ser trabalhado para iniciar seus projetos, seja a história propriamente dita, uma data comemorativa ou outros trabalhos. Porém, não falaram se os alunos manuseiam o livro a ser trabalhado naquela semana ou mês; afinal, o livro é um instrumento que nos enche de curiosidades e fantasias que fazem moradia em nosso imaginário e em nossas lembranças.

De acordo com Parreiras (2009, p. 30), “não é necessário que os livros oferecidos nas creches e escolas (educação infantil) sejam todos com textos. Um livro bem ilustrado com pouco texto também pode ser manuseado pelas crianças e lido por elas.” Para que a criança tome gosto pela leitura, o importante é que haja uma intimidade entre o livro e o leitor, mesmo que de momento este nem tenha real conhecimento de seu objetivo. Essa intimidade é adquirida pelo manusear, pegar, folhear, levar à boca, cheirar, pintar etc. Sabendo que o adulto é o mediador nessa relação criança/livro e também ofertante de livros em casa (os pais), nas creches ou escolas, ele (professor adulto) será o sujeito ofertante das novas leituras, contos, poesias e textos, num local privilegiado para este momento (PARREIRAS, 2009).

Nesta fase, o professor deve tomar cuidado com as escolhas dos autores que vai trabalhar com os alunos, uma vez que alguns docentes acabam limitando-se aos livros que leram quando crianças, não se apropriando de outros autores que vêm para reforçar grandes autores literários, agregando o uso da literatura na sua amplitude.

Segundo Cosson (2006), a leitura é encontrada nas telas de computadores repletas de palavras e nos videogames com suas imagens. Contudo, a literatura deve ter seu lugar privilegiado e ter sua aplicação na sociedade letrada, mesmo aparentemente sendo orais ou “Imagéticas”.

Alguns autores que seis das oito entrevistadas usam como referências literárias para suas aulas são Ruth Rocha, Monteiro Lobato, Ziraldo, Régio Emília, Van Gogh, Cecília Meireles, Romero Britto e Esopo. Romero Britto não é um escritor, mas sim um pintor e serígrafo usado nas aulas da P1 para iniciar as atividades, pois, segundo a entrevistada, as obras do pintor envolvem arte e história, mesmo não sendo um autor de obras literárias.

Vale lembrar que Régio Emília é uma escola inovadora. Das entrevistadas, duas se espelham nesse modelo e o usam como base em suas aulas, já que as escolas das P1 e P3,

usa a linguagem da Arte que é inerente à criança. Assim, mesmo sabendo não se tratar de um autor literário, essas duas entrevistadas, P1 e P3, se espelham nessa escola.

Duas das entrevistadas dizem não usar Monteiro Lobato como referência para suas aulas. Ouvindo as respostas de P8 e P7, que dizem não utilizar esse autor, foi perguntado se havia um motivo pertinente para tal, já que Lobato escreveu histórias que são consideradas clássicas como *Reinações de Narizinho* e tantas outras. Lobato ainda deu vida ao famoso Saci Pererê, à Cuca, à Emília, ao Rabicó, à Narizinho, ao Pedrinho, enfim, ao famoso Sítio do Pica Pau Amarelo, que foi lido e relido, visto e revisto e está eternizado

A resposta foi basicamente a seguinte: “não é pelo fator do fascismo; é simplesmente pelo fato de os papéis serem injustos. Por exemplo, Tia Nastácia é quem verdadeiramente fica na cozinha fazendo a comida e quem ganha os elogios é a Dona Benta; o Saci é negro, com apenas uma perna, fuma cachimbo, sempre sem camisa e fazendo estripulia.” Abriu-se um parêntese e pontuei: “será que se fosse o contrário seria o grande sucesso que é? As crianças se identificariam com o personagem Saci se ele fosse diferente? Será que o autor não teve um propósito ao criá-lo desta forma com essas características, afinal, a criança não tem essa visão de classe social ou racismo nesta idade, mas tem um olhar diferente acerca do mundo”. P8 respondeu: “como eu disse, não tenho nada contra ele, apenas não faço uso dele como referência para compor minhas aulas.”

A resposta de P1 fez referência a Van Gogh para compor suas aulas, haja vista que o texto primordial na literatura é o texto verbal e não as imagens (tampouco quando são somente imagens). Sabe-se que Van Gogh não é um autor de literatura e sim um pintor pós-impressionista. Analisando tal resposta, depois de ouvi-la algumas vezes, tentei me pôr no lugar de P1, analisando o contexto do seu ambiente de trabalho e o tempo de atuação.

Procurou-se algumas obras do pintor, como *O velho sentado com as mãos na cabeça* e *A casa amarela*, partindo do pressuposto de que a literatura envolve a arte e a escrita. A própria P1 relata que em tudo e em todas as coisas ela vê literatura, pois esta aguça a curiosidade e a imaginação das crianças: no carrinho no canto da sala, na caneta com a régua representando um avião. Veio a mim então a compressão do porquê de se trabalhar com Van Gogh: diante de uma obra de arte, cada um tem um olhar diferenciado da obra e, a partir deste olhar, a imaginação começa a ser trabalhada e a entrar em prática.

P1 e P8 citam os clássicos como *Chapeuzinho Vermelho*, *João e Maria*, *Pinóquio*, *Os Três Porquinhos*, entre outros. Elas deixam claro que usam livros que não possuem referência aos autores (são aqueles bem fininhos e baratos). Tal escolha de livros feita pelas professoras para se trabalhar com as crianças deve ser analisada com respeito. Contudo, são livros com muita inferioridade na qualidade de texto, na textura das folhas, na capa e não trazem o nome do autor nem do ilustrador.

Parreiras (2009, p. 36) ressalta que “*A bruxinha atrapalhada*, de Eva Furnari, é um livro sem texto, com histórias construídas em tirinhas, cuja personagem é uma bruxa. Se o livro tem boa qualidade pode sim conter mais imagens do que textos. A ilustração não reproduz um texto, mas pode traduzir a leitura dele se bem ilustrado; ao se deparar com a imagem, a criança logo compreende e capta o que elas querem dizer com seus traços e a partir daí consegue desenvolver uma história singular.

A imaginação e criatividade entram em sintonia, permitindo que a criança rompa qualquer tipo de barreira do tempo e do espaço, permitindo ser quem ela é, transpondo para o papel suas fantasias, sensibilidade e pureza de sentimentos. Afinal, “o processo de literatura, de debate e de escrita se constrói principalmente na prática.” (PARREIRAS, 2009, p. 23).

Permitir que ela seja autora da sua própria história é dar autonomia e segurança para a criança que escreve com uma linguagem simples e natural, dando vida aos seus personagens. Eis aí a importância do professor para fazer a mediação da leitura com a criança pequena; com a já alfabetizada, o docente deve promover a aproximação da mesma com o livro. Assim como os pais em casa, os tios, avós ou bibliotecários, é pertinente que o professor goste de ler para que seus alunos se interessem pela leitura, visto que o espelho do aluno é o professor.

Reiterando, a autora Parreiras (2009, p.17) alega que “um livro dirigido à criança é um produto do mercado, criado, escrito, ilustrado, produzido e editado por um adulto. Quem leva o livro à criança também é o adulto”.

Questionadas se enfrentam dificuldades no trabalho literário, todas as entrevistadas relatam não encontrarem dificuldades de trabalhar com literatura, pois as crianças adoram os métodos aplicados. Com exceção de P5, todas elaboram projetos que são

trabalhados na escola e apresentados para todos; exemplos citados foram datas comemorativas como o dia do trânsito, do índio e da páscoa.

P5 dá início às suas atividades com um vídeo, uma contação de história ou um desenho para pintar, para que a criança se aproprie da história que vai ser mostrada. A partir dos dados coletados, é montado então um teatro no qual será encenada a data comemorada. As crianças ficam empolgadas com os figurinos, felizes por serem aplaudidas e os pais ficam orgulhosos de seus filhos. Assim, a comunidade escolar também se envolve no trabalho.

As entrevistadas P3, P4, P6 e P7 mencionam que trabalham com a chamada “bolsa do livro”. Dentro da bolsa são colocados alguns livros; o aluno leva três livros para casa, ficando uma semana com eles, para que, em conjunto com sua família, possa desfrutar do momento prazeroso da história, fazendo ainda pequenos registros dessas experiências com o livro e com o ato de ler. Os pais estão presentes nesse importante momento de conhecimento para a criança, participando assiduamente, mesmo que por vezes cansados do trabalho.

P5 conta não ter dificuldade em trabalhar com literatura em sala de aula: “tenho muitos livros de literatura, sempre procuro adquirir novos livros e realizo contação de história duas vezes por semana. Desta forma, trago sempre novos títulos e novas histórias para apresentar.”

Quando os estudantes deixam registrado por escrito no papel o seu lado imaginário, suas memórias, sua arte, dando vida ao inanimado, até as mães relatam que os filhos liberam suas ansiedades. As entrevistadas P6 e P8 concordam que a leitura e a escrita são meios de iniciar a literatura de uma forma suave, lúdica, de fácil compreensão pela criança, o que não impede que a professora comece a inserir a função metalinguística. É importante o contato real com o livro, sentir suas folhas, acompanhar a história com o dedo na linha, ver o desenho da palavra, a pronúncia das letras. Tudo isto faz parte do preparo de um bom leitor e das escolhas do que e sobre o que se ler.

Quanto à importância da literatura como prática, as entrevistadas afirmam que de fato é crucial que se amplie o hábito da leitura. Isso leva a criança a desenvolver a imaginação, a criatividade, provoca a curiosidade, o questionamento, a construção de novos conhecimentos, contribuindo para resolver situações do cotidiano como as emoções,

sentimentos, tudo de forma prazerosa. Não se pode ensinar sem fazer uso da leitura, pois ambas estão ligadas.

Um bom professor deve inserir em sua prática diária a contação de histórias, ler uma obra literária (ou trecho) diariamente para seus alunos. Cosson (2006, p. 26) afirma que “os livros são como os fatos, jamais falam por si mesmos, o que fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos e grande parte deles são aprendidos na escola.” Tal experiência permite que a criança rompa qualquer barreira do tempo e do espaço, permitindo que ela seja ela mesma, pois a literatura tem sua aplicação na comunidade letrada de uma forma ou de outra. Então, “a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem pronúncia da minha própria identidade.” (COSSON, 2006, p. 17).

Ninguém é obrigado a ler nada, por isso ter uma história bem narrada por quem a conta (escreve) é capaz de alimentar nossa alma como o alimento que comemos para nos desenvolvermos e todos nós precisamos nos alimentar para isso. Ensinar a criança a ter fome de boas leituras e boas obras literárias é formar cidadãos saudáveis. Em suma, “sabendo que a infância é rodeada pelo lúdico, nesse momento da existência, a gente faz a festa com uma boa história bem contada.” (MACHADO, 2002, p. 13).

De acordo com Cademartori (1995, p. 66) “cabe à escola explicar qual poderia ser a relação da literatura com a criança a partir do início da escolaridade.” A escola tem grande influência no que será consumido no mercado literário, pois é lá que os autores e suas obras serão estudados. Cabe ao professor não ficar engessado no que ouviu, leu e releu até a sua formação, mas sim apresentar a essa nova geração de leitores outras possibilidades de leituras literárias e seus autores, para que esses possam ter suas próprias preferências, identificando-se com determinado escritor ou escritora, que compartilha da mesma forma de escrita e pela mesma temática, que prende sua total atenção ao ler o título de sua obra.

## 5 CONCLUSÃO

Por meio do presente artigo, conseguimos averiguar que a literatura está sendo introduzida no cotidiano escolar das crianças por meio da leitura feita na contação de

histórias pelas professoras, de forma lúdica quando usam fantoches, dedoches e outros recursos. Dentre estes recursos, está o principal objeto no processo de leitura literária: o livro. Esse, por sua vez, abre um mundo novo no qual as letras passam a ter significados.

Portanto, a escola precisa ser um lugar que possa gerar conforto e prazer, porque é nas suas dependências que a criança se prepara para a vida, formando-se como um sujeito social e crítico, tomado de atitudes. Isso só ocorre quando a criança é posta em contato com a literatura, por meio da leitura que provoca um contentamento, uma alegria e um bem-estar, reforçando o ensino da escrita, além de ampliar e contribuir com o processo educativo.

É neste processo que o professor tem um papel fundamental. Nele, o universo literário será apresentado e é importante que o docente não tenha um olhar engessado no seu passado, apresentando para seus alunos o que foi para ele apresentado, da mesma forma, sem recursos e incentivos. Para que o aluno se interesse pela leitura, é importante que o professor goste de ler, que leia boas obras de bons autores, pois só assim ele proporcionará aos estudantes o contato com uma leitura com subsídios, qualificada e baseada em pesquisas.

Neste trabalho, também foi percebido que a maioria das docentes entrevistadas utilizam os mesmos autores e praticam basicamente as mesmas atividades para introduzir a literatura em sala de aula, o que garante para as crianças de 5 e 6 anos dos dois CEIMs visitados uma primeira aproximação com a leitura; algo que permite vislumbrar o gosto literário que se formará a partir desse contato.

Por serem instituições públicas de ensino com poucos recursos, as professoras trabalham de maneira pertinente o lúdico, instigando a criança a usar a imaginação. De maneira abrangente e panorâmica, conclui-se que a literatura tem presença satisfatória na prática pedagógica em pelo menos dois CEIMs de Criciúma. O trabalho de leitura destas professoras tem se mostrado coerente na introdução das crianças ao mundo da literatura.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. Ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CANDICO, Antônio. *O direito à literatura*. São Paulo: Duas Cidades, 2002. P.174.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 6 ed. São Paulo: p.Ed. Brasiliense, 1995.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

LOPES, Paula Cristina. *Literatura e linguagem literária*. Disponível em:  
<[https://www.google.com.br/search?biw=1350&bih=609&ei=3ujAW9PWCISkwATdk5rQBA&q=literatura+lopes&oq=literatura+lopes&gs\\_l=psy-ab.3..0i22i3](https://www.google.com.br/search?biw=1350&bih=609&ei=3ujAW9PWCISkwATdk5rQBA&q=literatura+lopes&oq=literatura+lopes&gs_l=psy-ab.3..0i22i3)>. Acesso em 03 jul. 2017.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MORTATTI, Maria do Rosário Logo. *Leitura, literatura e escola: subsídios para uma reflexão sobre a formação do gosto*. São Paulo: M. Fontes, 2001.

PARREIRAS, Ninfa de Freitas. *Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, e a criança lê*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SARAIVA, Juracy Assmann (org.). *Literatura e alfabetização do plano do choro ao plano de ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.